



ANALFABETISMO NO 6º ANO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Renata Beatriz de Paula de Oliveira*,
Loriane Marcela Laurete de Freitas*,
Adriane Dall'Ácqua de Oliveira,
Ivana de Freitas Barbola,
Dalva Cassie Rocha

Eixos Temáticos: 5. Educação e diferenças

Palavras-chave: desafios contemporâneos. estratégias didáticas. déficit de aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A cada ano escolar, tem sido observada muita dificuldade na leitura e na escrita de estudantes que estão frequentando o ensino fundamental, ciclo II, ou seja, a partir do 6º ano. Para enfrentar tais dificuldades, foram criadas nas escolas “salas de apoio”, como uma alternativa para atender a esses casos diversos e buscar soluções para vencer dificuldades, tornando os estudantes aptos ao avanço nas séries escolares.

Na entrevista com o francês J. Pierre Astolfi, Morh e Pires (2011) trazem as percepções do educador que considera que o saber a ser ensinado e aprendido na escola recisa passar pelo ato de saborear o conhecimento, uma vez que a raiz das palavras *saber* e *sabor* é a mesma.

¹. Universidade Estadual de Ponta Grossa, curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, email: re_de_oliveira@yahoo.com.br. ². Mestrado. Secretaria de Estado da Educação, adrianebio@seed.pr.gov.br. ³. Doutorado. Universidade Estadual de Ponta Grossa, ibarbola@yahoo.com.br.

Para assumir essa postura de ensinar o saber com sabor, o professor não pode se limitar a ensinar apenas conteúdos, pois aquele que pretende ensinar mais e melhor, precisará quebrar paradigmas e deixar de ensinar apenas conteúdos, para ensinar conceitos. Contudo, conceitos precisam ser estudados e compreendidos mais profundamente pelos professores,



porque são mais do que meras definições que devem ser decoradas e repetidas pelos estudantes, sem sentido e sem contextualizações.

Para enfrentar as dificuldades de escrita e de leitura, cada vez mais comum entre os estudantes, a quebra de paradigma sobre como ensinar, tornou-se ainda mais relevante e pode ser a problematização que impulsiona a busca de soluções com propostas de estratégia e recursos didáticos mais adequados a cada situação. Nessa direção, Fernandes e colaboradores (2016) ressaltam a “importância de um ensino contextualizado, não só na educação básica, mas também nos cursos de formação de professores [...] que possa minimizar também os problemas no processo de ensino e aprendizagem da educação básica”.

Esses autores se fundamentam em especial na obra intitulada ‘Extensão ou comunicação’ de Paulo Freire. Para Freire, o ensino deve ser capaz de transformar indivíduos, cidadãos e sociedades e é preciso questionar sobre quais conteúdos devem ser ensinados e a quem devem ser ensinados. O autor é citado nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da educação básica (BRASIL, 2015), documento norteador dos cursos de graduação em licenciaturas, recentemente aprovado.

Nessa concepção, a oportunidade que o programa institucional de iniciação à docência (PIBID) promove para os universitários de cursos de formação de professor é imprescindível.

O objetivo desse trabalho é relatar a experiência vivenciada no contexto escolar, da dificuldade de leitura e escrita de estudantes do ensino fundamental como recurso para a reflexão e aprendizado na formação inicial e continuada de professores do curso de licenciatura em Ciências Biológicas.

DESENVOLVIMENTO

Pela primeira vez, no início de 2017, a equipe do PIBID Biologia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) se deparou com dois casos de analfabetismo no 6º ano do ensino fundamental, numa escola urbana de Ponta Grossa, PR. Infelizmente, constatou-se



no início do ano letivo que um dos estudantes apresentava conhecimento apenas de palavras escritas em caixa alta (LETRAS DE FORMA) e reconhecia números arábicos, enquanto o outro estudante, não reconhecia letra alguma, não lia, não escrevia, não reconhecia números e portanto, não fazia nem cálculo básico. E até aquele momento nenhum deles havia sido encaminhado para a sala de apoio, para atendimento especial, porque a escola só poderia dar esse atendimento específico se os estudantes tivessem sido diagnosticados e apresentassem laudos médicos que comprovassem algum tipo de comprometimento cognitivo e/ou neurológico para justificar a solicitação. Nenhum deles tinha esse laudo.

Considerando que tais fatos devem se repetir em outras unidades escolares, surge a questão: - como essa criança chegou até ao 6º ano escolar sem saber nada? Como ensinar-lhe algo agora?

A partir desta constatação, a equipe do PIBID- Biologia e a professora supervisora da disciplina de Ciências programaram estratégias de ação para desenvolver atividades que incluíssem esses alunos nas aulas de Ciências. De início, o processo foi de aproximação e de acompanhamento individual, isto é, para cada um dos estudantes, foi definido um membro da equipe do PIBID Biologia para responsabilizar-se pelo acompanhamento nas aulas de Ciências. Esse acompanhamento se deu com intervenções diretas entre estudante e Pibidiana, enquanto o professor supervisor trabalhava o mesmo tema com os demais alunos da turma. Para cada tema abordado, foram estabelecidas atividades especiais para os dois estudantes, com explicações individuais realizadas pelas Pibidianas durante as aulas (Figura 1A-B), usando recursos de imagem, preferencialmente os mesmos do livro didático. Nos momentos de avaliação, outras imagens foram apresentadas aos estudantes, para que eles pudessem estabelecer relações com o assunto abordado, para então averiguar se estava ocorrendo algum aprendizado. Os registros das atividades das aulas de Ciências foram feitos

em um caderno especial para cada estudante (Figura 1C-D) e este caderno foi compartilhado com professores de outras disciplinas, a fim de apresentar-lhes as produções



dos dois estudantes, como sugestões de atividades e informações temáticas que serviram como contextualização para abordagem de outros conteúdos disciplinares.

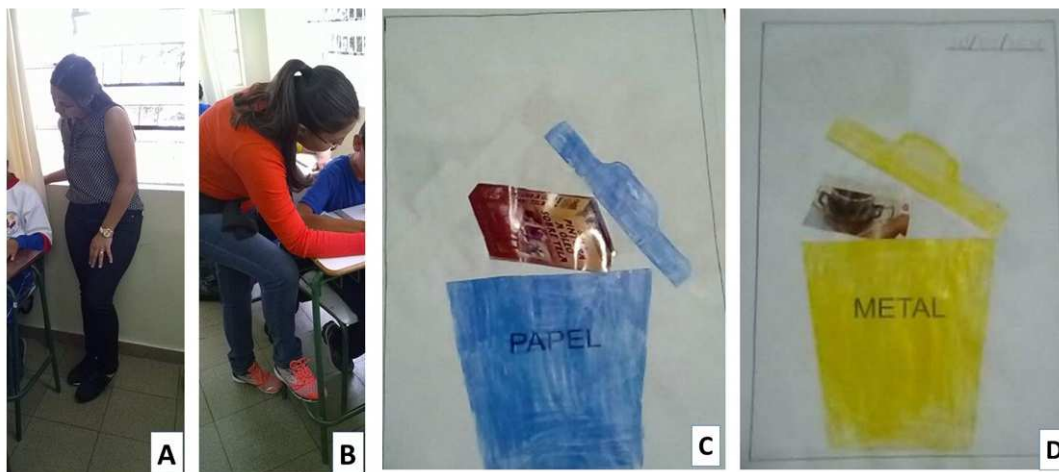


FIGURA 1. Atividades de inclusão no contexto escolar de estudantes do 6º ano do ensino fundamental com dificuldades graves de leitura e escrita. A-B Acompanhamento individual. C-D. Atividade de pintura, para aprendizagem sobre reciclagem.

Atenção especial *ao ensino de conceitos e não ao ensino de conteúdos de Ciências* foi dada pela equipe PIBID Biologia que atua na escola, considerando que para promover um aprendizado mais amplo, a ênfase do ensino não deve ser apenas definições e a assimilação de informações sobre conteúdos ou fixação de nomes e palavras pouco comuns no vocabulário cotidiano dos estudantes.

O aprendizado mais amplo, acontece quando o saber é adquirido a partir de vivências contextualizadas e prazerosas. Numa entrevista, J. Pierre Astolfi menciona que existe alegria ao lembrar de professores que souberam se comunicar conosco para nos mostrar um mundo novo, através de tarefas, perguntas e aulas.

Uma atividade desenvolvida com os dois estudantes relacionada ao conteúdo de ecologia foi um jogo para avaliar seus conhecimentos prévios sobre esse assunto. Verificou-se que os estudantes, mesmo com dificuldades de leitura, tinham conhecimento prévio sobre ecologia, inclusive sobre conceitos de preservação, poluição e desmatamento. Esse conhecimento prévio foi considerado como um suporte para desenvolver novas atividades.



Foi possível ensinar o conceito de cadeia e teia alimentar (informações generalistas) a partir de diferentes imagens de animais, plantas e microrganismos, incluindo espécimes típicas de região (informações adicionais, contextualizadas regionalmente). Como estratégia de avaliação do aprendizado sobre as relações entre os seres vivos foi aplicado um quebra-cabeça.

Para os bolsistas do PIBID Biologia, a formação docente assumiu um caráter ainda mais desafiador, exigindo um trabalho de aproximação, criação e uso de atividades lúdicas para promover alfabetização com esses alunos, em paralelo com a promoção dessas crianças a um outro estado de inclusão social dentro do espaço escolar que até pouco tempo atrás parecia ser impossível.

Cabe aqui novamente, lembrar a fala do educador Astolfi, que traz em palavras simples e analogias o conceito de ciência como conhecimento que modifica a visão do mundo que nos cerca. Ele considera que ao ensinar Ciências, precisamos ensinar a questionar, precisamos dizer “*não*” ao que já está posto para irmos em busca de uma outra posição, com fundamentação e argumentos (MOHR e PIRES, 2011, p. 174).

Após as primeiras avaliações bimestrais, os demais professores do 6º ano relataram à equipe pedagógica da escola as dificuldades que enfrentavam para trabalhar com os dois alunos com déficit de aprendizagem, pois eles precisavam de atendimento individual que não estava sendo oferecido em todas as aulas, somente em Ciências, pela presença da equipe do PIBID-Biologia. Propôs-se, então, a elaboração e compartilhamento de um caderno individual para esses estudantes, no qual as atividades desenvolvidas em todas as disciplinas puderam ser registradas. Dessa forma, todos os professores puderam trocar experiências sobre os *conceitos* e os *conteúdos didáticos* abordados.

Apesar do pouco tempo para demonstrar o avanço de aprendizado com resultados quantitativos, são os resultados qualitativos visíveis no cotidiano escolar que tem sido o aspecto motivador para dar continuidade às ações e estratégias de construção e compartilhamento de aprendizado. Pode-se afirmar que houve quebras de paradigmas. Primeiro, porque os estudantes com dificuldades graves de leitura e escrita, anteriormente marginalizados no processo de aprendizagem, tem conseguido participar ativamente das



aulas, desenvolver tarefas (mesmo que diferenciadas) e, principalmente, ambos têm demonstrado desejo de aprender mais e descobrir mais, não apenas nas aulas de Ciências. Como segundo resultado, o que parecia ser um problema insolúvel, tornou-se um exercício desafiador para a formação docente inicial dos universitários bolsistas PIBID, bem como para a formação continuada do professor supervisor e da equipe de coordenação de área desse programa, integrando os diferentes níveis de ensino, de forma contextualizada.

Em sua obra 'À sombra desta mangueira' Paulo Freire (1995) relembra a noção de que o ensino escolar, seja ele de qualquer disciplina, precisa ser transformador. E Fernandes e colaboradores (2016) trazem a discussão feita pelo autor na obra 'Extensão ou Comunicação?'

Comunicar-se adequadamente para estabelecer uma relação de confiança e estreita entre professor-aluno, bem como abandonar a postura do *senso comum* para transformá-la em conhecimento sistematizado e contextualizados foram estratégias de ação que puderam promover aprendizado e inclusão no contexto escolar dos estudantes com dificuldades graves de leitura e escrita, oportunizando também aprendizado mais aprofundado para os profissionais da educação envolvidos nesse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da educação básica. Disponível em: FERNANDES, C.S.; MARQUES, C.A.; DELIZOICOV, D.



Contextualização na formação inicial de professores de ciências e a perspectiva educacional de Paulo Freire. **Ensaio**. v.18, n. 2, p.9-28, mai-ago. 2016.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **À sombra desta mangueira: Olhos d'Água.** 1995

MOHR, A; PIRES, F.D. A. Reencontrar o sentido e o sabor dos saberes escolares. **Ensaio**. Belo Horizonte, v.13, n.02, p.173-186, mai-ago.2011.